



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

CURSO DE PEDAGOGIA

AMANDA VIEIRA DE ARAÚJO VASCONCELOS

A CONSTRUÇÃO DOS MODELOS DE FEMINILIDADE E MASCULINIDADE NA
OBRA “PINK & BLUE”, DE JEONG MEE YOON, ATRAVÉS DA DECORAÇÃO DE
QUARTOS INFANTIS

Campina Grande

2016

Amanda Vieira de Araújo Vasconcelos

A CONSTRUÇÃO DOS MODELOS DE FEMINILIDADE E MASCULINIDADE NA
OBRA “PINK & BLUE”, DE JEONG MEE YOON, ATRAVÉS DA DECORAÇÃO DE
QUARTOS INFANTIS

Trabalho de conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de licenciada em Pedagogia, pelo Curso
de Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB.

Orientadora: Prof.^a Me. Senyra Martins
Cavalcanti

Campina Grande

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V329c Vasconcelos, Amanda Vieira de Araújo

A construção dos modelos de feminilidade e masculinidade na obra "Pink & Blue", de Jeong Mee Yoon, através da decoração de quartos infantis [manuscrito] / Amanda Vieira de Araújo. - 2016.

45 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti, Departamento de Educação".

1. Identidade de gênero. 2. Infância. 3. Modelo de feminilidade. 4. Modelo de masculinidade. 5. Jeong Mee Yoon. I.

Título.

21. ed. CDD 305.3

Amanda Vieira de Araújo Vasconcelos

A CONSTRUÇÃO DOS MODELOS DE FEMINILIDADE E MASCULINIDADE NA
OBRA "PINK & BLUE", DE JEONG MEE YOON, ATRAVÉS DA DECORAÇÃO
DE QUARTOS INFANTIS

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de licenciada em
Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB.

Aprovado em: 25/10/2016

Nota: 10,0 (dez)

BANCA EXAMINADORA

Senyra Martins Cavalcanti

Prof.^a Me. Senyra Martins Cavalcanti

Orientadora

Maria Lindaci Gomes de Souza

Prof.^a Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza

Banca Examinadora

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Prof.^a Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Banca Examinadora

A Deus, criador do meu ser e autor da fé que me encoraja a prosseguir em meio as tempestades da vida.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Iara Lúcia Vieira de Araújo e ao meu pai José Francisco de Souza, pelo amor, educação e valores compartilhados comigo. Vocês são a minha base, meu aconchego, meu acalento, meu porto seguro.

À minha avó Marieta de Souza Vieira, por todo amor, zelo, afeto e cuidado com a minha vida.

À minha tia Ana Lúcia de Sousa Vieira, por sua amizade e carinho. Não esquecerei das vezes que abdicou de algo em sua vida para cuidar de mim.

Ao meu esposo Anderson dos Santos Vasconcelos, por acrescentar amor, beleza e vida aos meus dias. Você me ensina a sonhar e compreende minhas ausências em prol dos meus sonhos.

Aos meus irmãos Robson Vieira de Araújo, Aluska Vieira de Araújo e Ramon Vieira de Araújo Felizola, por serem os amigos que os laços sanguíneos me presentearam.

Às minhas sobrinhas Ester Santos Vieira de Araújo, Rebecca Vieira de Araújo Rodrigues, Sarah Felizola Araújo, Julia Wanderley Vasconcelos e Maria Luiza Aquino Vasconcelos, por me ensinarem quão bela é a infância e por me permitirem compartilhar alegrias, aliviar tristezas, guardar segredos e amá-las como se fossem minhas filhas.

Às amigas que o Curso de Pedagogia me presenteou: Aluska de Souto Borges, Cristiane Renaly Lira Costa Oliveira e Débora Gomes da Silva Barros, pela cumplicidade, incentivo e apoio ao longo dessa jornada.

Aos meus amigos Alfredo Francisco Barbosa Neto e Romildo Ferreira da Silva Neto, por me ensinarem que toda forma de amor deve ser respeitada.

À minha amiga Eliane Pereira Pontes, por me mostrar, através de sua vida, que nenhuma dificuldade é capaz de nos fazer parar se tivermos ousadia e força de vontade para alcançar nossos objetivos.

Meu muito obrigada às amigas Nísia Rebeca Melo Silva, Mayara Thais Marques e Adriana Aragão Aguiar, por me encorajarem a correr atrás dos sonhos que almejo.

À Keines, responsável pela copiadora Penélope, pelo trabalho prestado ao longo do Curso, e, sobretudo, pelas conversas, brincadeiras e risos.

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, pela oportunidade de formação numa instituição conceituada e compromissada com a aprendizagem; e, principalmente, aos professores que fizeram com que esta caminhada fosse produtiva. Meu crescimento deve-se

principalmente a vocês: Maria Jackeline Feitosa, Margareth Maria de Melo, Cristiane Nepomuceno, Jameson Ramos, Elvira Bezerra, Lúcia Serafim, Tânia Araújo e Mirella Braga.

Dedico especial agradecimento à minha orientadora, Senyra Martins Cavalcanti, que com sabedoria, dedicação, prestatividade, motivação, apoio e cooperação, soube dirigir-me os passos e os pensamentos para o alcance de meus objetivos, mas principalmente por enxergar talento em meio a tantas inseguranças. Sem você eu não teria chegado até aqui.

A todos estes, meu singelo agradecimento.

Na fábrica, na piscina
No jogo ou na escola
Na bicicleta ou negociando
Ou dirigindo um carro
Na praça de recreação, no bar
No quarto – eis o espinho
Meninos se fazendo de homens
E eu deveria saber – eu sou um deles

(ROBINSON, 1994)

RESUMO

As identidades de gênero não são ofertadas pelo sexo biológico, mas constituem-se em uma construção sócio-cultural que pode iniciar-se a partir da socialização primária dos indivíduos. Partindo dessa premissa, podemos observar que o uso de cores nos objetos selecionados pelos pais reflete as expectativas a respeito das identidades de gênero de seus filhos. Articulados à formação das identidades, identificamos a construção dos modelos de feminilidade e masculinidade, a partir da decoração dos quartos infantis de meninos e meninas em diversos países. Com base nos Estudos Culturais, discutiremos a construção desses modelos na comunidade de prática família, na obra “The Pink & Blue”, do fotógrafo JeongMee Yoon. Para tanto, partimos das seguintes inquietações: Como a forma de diferenciação de quartos de meninos e meninas produz efeitos na construção de suas identidades de gênero? De que maneira são encontrados modelos de masculinidade e feminilidade nos quartos infantis? O que é considerado normal e diferente para meninos e meninas? Qual o significado das cores rosa e azul nos objetos infantis? Nosso referencial teórico é formado pelas contribuições de Souza (2005) e Louro (2008), os quais discorrem sobre os conceitos de gênero e sexualidade; Paechter (2009), no que se refere aos modelos de feminilidade e masculinidade, bem como à comunidade de prática; Portal (2011), quanto à simbologia das cores; além de Sabat (1999) e Steinberg (2001), que discutem acerca da mídia e publicidade. Desde muito cedo, meninos e meninas são educados de forma diferente, com a finalidade de exercerem papéis distintos na sociedade, o que contribui para a desigualdade social entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Infância. Modelos de feminilidade e masculinidade. Jeong Mee Yoon.

ABSTRACT

The gender identities are not offered by biological sex but are in a socio-cultural constitute that may start from the primary socialization of individuals. Starting from this premise, we can observe that the use of color in the objects selected by parents reflect expectations about the gender identities of their children. Articulated to the formation of identities, we identified the construction of femininity and masculinity models as from the decoration of children's bedrooms of boys and girls in several countries. As from the Cultural Studies, will discuss the construction of these models in the family practice community, in the work "The Pink & Blue", the photographer JeongMeeYoon. As the mode how the differentiation of boys and girls rooms, produce effect in the construction of their gender identities? How are found of masculinity and femininity models in children's bedrooms? What is considered normal and different for boys and girls? Which is the meaning the pink and blue colors in children's objects? Our theoretical referential is formed by the concepts of gender and sexuality, de Souza (2005) and Louro (2008), models of femininity and masculinity, as well as community of practice, of Paechter (2009), the symbology of the Portal colors (2011) and advertising and media Sabat (1999) and Steinberg (2001). From early, boys and girls are educated the different way, in with finality to will exercise different roles in society, which contributes to social inequality between men and women.

Keywords: Gender identity. Childhood. Femininity and masculinity models. JeongMeeYoon.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - IDENTIDADE SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO.....	13
Comunidades de Prática	13
1.1 Família e Escola	15
CAPÍTULO II - A PREPARAÇÃO DO ENXOVAL DO BEBÊ ATRELADA A DESCOBERTA DO SEXO	17
2.1 Da Nomeação do Bebê a Categorização de gênero.....	18
2.1.1 Brinquedos e Cores: significantes de Gênero	18
CAPÍTULO III –O PODER DA MÍDIA PARA A CRIANÇA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO.....	21
3.1 A Diferença de Gênero Alicerçada em Relações de Poder	22
3.1.1 Produzindo Homens e Mulheres Dentro da Normalidade	23
3.1.1.1 Consumismo e Educação	24
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS QUARTOS INFANTIS DE MENINAS	28
4.1 Análise dos Quartos Infantis de Meninos.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, com o objetivo de disciplinar os corpos e normalizar os indivíduos, as formas como homens e mulheres se comportam são explicadas com base em fatores biológicos, empreendendo, desta forma, uma visão naturalizada e imutável dos modos de ser e agir. Nessa perspectiva, o sexo seria capaz de regular o comportamento do indivíduo por toda a vida. As vivências e trocas sociais, bem como a educação formal ou informal são esquecidas. É preciso compreender que o gênero não é inerente ao homem, ao contrário, é construído com base em suas experiências sociais e históricas. As muitas formas de encenar masculinidades ou feminidades são sempre sugeridas pelos interlocutores do poder dominante, de modo a privilegiar comportamentos no interior de padrões previamente estabelecidos da normalidade e excluir condutas que não se enquadrem dentro desses limites.

Partindo dessas considerações, buscamos, neste trabalho monográfico, entender como a diferenciação de quartos de meninos e meninas produz efeitos na construção de suas identidades de gênero. Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar os quartos infantis para entender como se dá o processo de construção de identidade de gênero de crianças de 0 (zero) a 6 (seis) anos de idade, a partir da obra “The Pink & Blue”, do fotógrafo JeongMeeYoon. Como objetivos específicos, determinamos: 1. Perceber de que maneira são encontrados modelos de masculinidade e feminilidade nos quartos infantis; 2. Identificar o que é considerado normal e diferente para meninos e meninas; 3. Evidenciar o significado das cores rosa e azul nos objetos infantis.

Como métodos de pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, visando o aprofundamento no mundo dos significados das ações e relações humanas e a construção de hipóteses referentes ao problema. Segundo os estudos de Minayo (2001, p. 21), a pesquisa qualitativa:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas em produzir novas informações referentes a aspectos da realidade. O pesquisador, que opta por

esse tipo de pesquisa, não pode permitir que suas crenças e valores expliquem as coisas, mas deve estar atento aos aspectos subjetivos que surgem de maneira espontânea.

Como embasamento teórico, utilizamo-nos de autores/pesquisadores que discorrem acerca dos conceitos de gênero e sexualidade, a exemplo de Souza (2005) e Louro (2008); modelos de feminilidade e masculinidade, bem como comunidade de prática, com base em Paechter (2009); a simbologia das cores, segundo Portal (2011); e publicidade e mídia, considerando as reflexões de Sabat (1999) e Steinberg (2001).

Nossa pesquisa trata-se, portanto, de um estudo cultural, em que através do ensaio fotográfico de JeongMeeYoon (2005), intitulado “The Pink & Blue”, buscamos investigar o processo de construção dos quartos infantis e os efeitos sociais que estes, juntamente com outros aspectos, refletem na identidade de gênero das crianças de diversas culturas. O projeto fotográfico teve início quando a filha de JeongMeeYoon tinha cinco anos de idade. Ele observou que, semelhantes à sua filha, outras meninas dos Estados Unidos, Coreia do Sul e outros países, “amavam” a cor rosa e, por conseguinte, preferiam roupas e brinquedos dessa cor.

Os estudos culturais são um campo de investigação interdisciplinar, transdisciplinar e, algumas vezes, contra disciplinar, que pesquisa as formas de produção de significados e de disseminação dos mesmos nas sociedades. Em suas análises, se aproveitam de teorias que abranjam posições e estratégias diferentes em contextos específicos, com o compromisso político de examinar todas e quaisquer práticas culturais no interior de relações de poder.

As principais categorias estudadas nesse campo são: gênero e sexualidade, raça e etnia, cultura popular, política de identidade, entre outros. Os estudos culturais investigam todas as artes, crenças, significações, comportamentos, ideias, linguagens, textos e práticas de qualquer ordem social em uma sociedade.

Silva (1999, p. 134) afirma que a análise cultural parte da concepção de que o mundo cultural e social torna-se, na interação social, naturalizado: sua origem social é esquecida. Em outras palavras, nossa tarefa consiste em desconstruir o que foi posto na sociedade como natural e inerente ao homem, tomando partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os estudos culturais tratam de temas comuns em nosso cotidiano, mas pouco estudados, é nesse sentido que queremos contribuir com esse trabalho, pois acreditamos que educamos nossas crianças muito antes do processo de escolarização e, muitas vezes, estamos impondo maneiras de ser e comportar-se em prol de uma identidade de gênero esperada pela sociedade como natural.

No Brasil, o estudo de gênero é um tema pouco discutido devido aos valores arraigados da sociedade. Sendo assim, esta pesquisa contribuirá na luta pela igualdade de direitos de homens e mulheres nos diversos âmbitos sociais.

Na contemporaneidade, a educação passa a ser exercida por diversas comunidades de prática, entre elas a família, a escola e a sociedade. O capitalismo tem investido em publicidades midiáticas que ensinam modos de ser, sem serem percebidos como instrumentos educativos.

A educação, em seu sentido mais amplo, contempla todos os conhecimentos, hábitos, costumes e valores de uma sociedade. Portanto, não deve ser entendida apenas como o processo de escolarização, visto que educamos nossas crianças através das relações familiares, da decoração dos quartos, dos brinquedos, dos filmes, das imagens, das marcas, da publicidade etc. Isso implica afirmar que mesmo objetos lúdicos, entendidos como “inocentes”, produzem e disseminam conhecimento como verdade. Nossos discursos e ações não são neutros, estão imersos em relações de poder.

Em termos de organização, este trabalho divide-se em algumas partes. No **capítulo I**, diferencio identidade de gênero de identidade sexual e, a partir dos conceitos de feminidade e masculinidade, introduzo o processo pelo qual aprendemos a ser homens e mulheres nas comunidades de prática, dentre elas a família e a escola.

No **capítulo II**, detenho-me ao início da categorização de gênero, a partir da descoberta do sexo do bebê e nomeação; além de explicar como os objetos e cores expostos nos quartos de meninos e meninas influenciam na construção de suas identidades de gênero.

No **capítulo III**, abordo como tecnologia e mídia produzem conhecimentos alicerçados em relações de poder. Nesse contexto, também explico como homens e mulheres constituem-se dentro da normalidade; e como crianças e adultos têm sido estimulados a consumir demasiadamente produtos carregados de sentidos, valores e comportamentos.

No **capítulo IV**, analiso como os pais e familiares decoram o quarto do bebê para a sua chegada. A escolha de cores, brinquedos e marcas, reflete as expectativas de gênero esperadas para essa criança.

CAPÍTULO 1 – IDENTIDADE SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO

Ao nascer, os bebês comportam-se basicamente da mesma maneira, sejam eles do sexo feminino ou masculino. Bebês costumam sugar; resmungar; chorar; brincar, levando objetos à boca; acompanhar com o olhar objetos em movimento; reagir a músicas etc. Meninos e meninas aprendem a ser homens e mulheres no contexto social em que vivem, de acordo com as expectativas que cada cultura tem em relação a cada sexo. Se não fosse assim, desde os primeiros dias de vida, os bebês comportar-se-iam de forma distinta, de acordo com o sexo. Sabemos, no entanto, que a genitália por si só não é capaz de definir a identidade de gênero de uma pessoa. Paechter (2009, p. 11) argumenta que o processo como meninos e meninas aprendem a ser homens e mulheres envolve o aprendizado e a construção de ideias sobre masculinidade e feminidade nos muitos contextos sociais onde as pessoas vivem, trata-se de um empreendimento coletivo levado adiante por e em diversos grupos sociais.

Apesar das identidades estarem intimamente relacionadas, constroem-se ao longo da vida e serem mutáveis, as identidades de gênero e sexual possuem significados diferentes. Felipe (2005, p. 09 *apud* LOURO, 1997) afirma que enquanto a identidade de gênero liga-se à identificação histórica e social dos sujeitos, que se reconhecem como femininos ou masculinos, a identidade sexual está relacionada diretamente à maneira com que os indivíduos experienciam seus desejos corporais, das mais diversas formas: sozinhos/as, com parceiros do mesmo sexo ou não, etc.

Nas sociedades contemporâneas, a educação se dá de maneira formal e informal: nos lares, através da família; dentro de instituições escolares, através do ensino; e fora das instituições escolares, sem seguir objetivos educativos. Através do ambiente que a envolve, a criança assimila a ideia do gênero fixo, generalizando o masculino e o feminino a partir da observação do meio em que vive e dos estímulos e incentivos que recebe dos seus grupos de convivência. Para Paechter (2009, p. 12), a construção da identidade é contínua e está em constante processo de negociação. À medida que as relações de poder se modificam, também mudam as maneiras como as masculinidades e feminilidades são construídas: trata-se de um processo dinâmico.

Comunidades de Prática

O processo de aprendizagem do que é ser homem e mulher se dá através das experiências que as crianças e adolescentes têm em suas comunidades de prática. É nesse

ambiente que o indivíduo aprende como deve se sentir, se comportar e se relacionar com outras pessoas, respondendo assim às expectativas que foram criadas pela sociedade em relação aos gêneros.

Segundo Paechter (2009, p. 51):

[...] tratar essas comunidades de práticas como locais-chave para o exercício das relações poder/conhecimento nos ajuda a entender como o poder opera na formação de identidades masculinas e femininas e como estas são construídas em relação umas às outras e em relação a outras identidades e comunidades.

As comunidades de práticas precisam ser entendidas como sendo os locais em que o poder é produzido. É através das relações sociais, estabelecidas nesses locais, que o indivíduo assimila masculinidades e feminilidades para construir sua identidade de gênero. Paechter (2009, p. 47) salienta que tanto para situarem suas identidades dentro de uma comunidade de prática de masculinidade e feminilidade, quanto para, assim, serem reconhecidos pelos outros membros e por estrangeiros, os participantes precisam assegurar-se de que seu comportamento é consoante às normas do grupo. Legitimar a permanência do indivíduo nas comunidades locais depende tão somente de suas atitudes, é necessário seguir as normas para ser aceito. Caso contrário, a transgressão poderá levar a expulsão do grupo.

O sexo de uma pessoa não determina o seu gênero. Nossas masculinidades e feminilidades não são definidas no momento em que somos formados no útero materno, mas são construídas a partir das várias situações sociais que vivenciamos ao longo da vida, em comunidades e contextos específicos. Portanto, uma mesma ação ou característica pode ser vista em uma comunidade como masculina e em outra como feminina. Nosso gênero é produto do tempo, de como nos apresentamos à sociedade, de acordo com o lugar e com quem estamos, é algo mutável. De acordo com Paechter (2009, p. 24), é uma questão de quem e com quem nos identificamos e de como demonstramos essa identificação para nós e para os outros. Nosso gênero não é construído apenas pelo que pensamos em detrimento das nossas experiências corporais ou vice versa. Nesse processo de formação de identidade, mente e corpo caminham juntos.

Compreender a identidade como pertencimento a uma comunidade exige demonstrações de comportamentos, tais como: a forma de vestir-se, o estilo de falar, de andar, de gesticular, etc. Do contrário, o indivíduo não será aceito como participante legítimo pelos outros membros do grupo, por falhar em determinado requisito comum a todos. Quando dizemos que a menina deve sentar-se de “pernas fechadas” e que o menino precisa falar “com

a voz grossa”, estamos disseminando uma cultura estereotipada da *performance* ideal masculina e feminina, e isso não acontece isento de poder. Pelo contrário, quanto maior o poder, maior será sua influência sobre o comportamento do indivíduo. Sobre os termos “masculino” e “feminino”, Paechter (2009, p. 24) descreve-os como sendo um elenco de comportamentos e de atributos relacionados às concepções dominantes da masculinidade e feminilidade, mas destituídas de preconceito quando relacionadas com ou assumidas por homens ou mulheres reais.

Comparando uma criança a uma árvore, podemos dizer que da mesma forma que a árvore é podada sempre que um novo galho, ramo ou folhas surgem no lugar indesejado; assim também acontece com a criança, quando a mesma tenta “fugir” aos comportamentos aceitos em sua comunidade de prática. Com essa atitude, tais comunidades acreditam estar favorecendo o crescimento da criança. As identidades são construídas gradativamente e entendidas como uma trajetória de aprendizagem, isso ocorre porque encenamos diversas masculinidades e feminilidades em diferentes tempos e comunidades de forma simultânea. Ao movermo-nos de um lugar a outro, precisamos assumir diferentes identidades, e ainda que estas sejam consideradas locais, são influenciadas por objetos maiores de poder como a mídia de massa, o que implica dizer que seu campo de ação ultrapassa suas fronteiras.

1.1 Família e Escola

Os pais, e demais adultos, têm expectativas diferentes para os meninos e meninas; o quarto dos bebês, os brinquedos, os jogos, bem como as relações de interação com essas crianças, refletem em sua aprendizagem, desenvolvimento e atitudes. Muitas vezes, a forma como os pais transmitem as diferenças de gênero para os filhos é tão sutil e velada que acabam transitando naturalmente pela incidência em que são praticadas. Prova disso, é que irmãos mais velhos do mesmo sexo tendem a reforçar comportamentos estereotipados de gênero. Paechter (2009, p. 69) afirma que a família é uma comunidade de prática fora do usual, uma vez que nela as relações de poder/conhecimento são altamente visíveis e, ao mesmo tempo, disfarçadas na forma de discursos de desenvolvimento infantil, de união familiar e de elo amoroso entre os casais. Isso implica dizer que, de maneira mascarada, a família está cheia de discursos contraditórios, expressando ideologias de igualdade simultaneamente à veiculação de mensagens sutis sobre desigualdades através de suas ações.

Para as crianças, entrar para o maternal ou pré-escola representa uma fase fundamental para entender como funciona uma comunidade de prática, especialmente por ser a primeira

vez em que a criança será apresentada e reconhecida pelos outros membros do grupo, sem a mediação dos pais. É um processo que envolve escolhas, abdições, disciplina da mente e do corpo, a fim de legitimar-se como pertencente a uma ordem social que se sustenta numa matriz heterossexual, baseada na compreensão do gênero como algo fixo. Nesse sentido, a escola é um ambiente semiformal que reforça os padrões masculino/feminino através das atividades lúdicas aplicadas, do discurso produzido, dos valores e percepções dos adultos presentes; de forma a supervisionar, intervir e disciplinar o comportamento e a fala das crianças, construindo assim a ideia do que é ser um menino ou uma menina “normal” na sociedade pertencente. Segundo Paechter (2009, p. 72), as escolas são lugares de normalização: ou seja, são lugares onde a ideia da criança “normal” é construída.

Na fase que compreende a criança de 03 a 06 anos, meninos e meninas buscam se adequar às normas estabelecidas entre seus pares. O fato é que as crianças querem ser aceitas por seus grupos e, se preciso for, ridicularizarão ou ignorarão aqueles que estiverem descumprindo as regras explícitas. Nessa fase, as crianças desejam ter uma relação namorado/namorada para reforçar suas encenações de masculinidade/feminilidade. Alguns meninos desejam ter uma namorada, pois veem a menina como objeto sexual a ser possuído; enquanto algumas meninas desejam ter alguém que as considerem bonitas e atraentes e que possam, de alguma forma, dar-lhes algum prestígio. Para as crianças, pertencer a uma comunidade de prática, ser aceito em um grupo, é fundamental para sua efetivação plena na sociedade, por isso copiam características de masculinidade e feminilidade do que esperam ser adequados ao seu ambiente familiar, escolar e social.

O tipo de atividade desenvolvida com as crianças em casa e na escola está intimamente ligado às relações de poder que se estabelecem na sociedade. Ao brincar de super-herói, por exemplo, os meninos estão estabelecendo a dominação espacial masculina, através da força e da luta. No caso das meninas, essa relação acontece quando brincam de casinha no papel de “mãe”, passando a “mandar” no lar, nos filhos e no marido. Ambos, meninos e meninas, sentem satisfação em desempenharem tais papéis, manifestando um desejo dominante, de não subordinação.

CAPÍTULO II - A PREPARAÇÃO DO ENXOVAL DO BEBÊ ATRELADA A DESCOBERTA DO SEXO

Na atualidade, são raras as famílias que preferem descobrir o sexo do bebê no ato do nascimento. O fato é que, com os avanços tecnológicos, essa informação pode ser dada com oito semanas de gestação, por meio de um exame chamado sexagem fetal. Até a década de 1970, no entanto, época em que o ultrassom chegou ao Brasil, isso não era possível. Hoje, grande parte das mulheres assistidas por planos de saúde ou mesmo pelo SUS (Sistema Único de Saúde), pode descobrir o sexo do bebê a partir das treze semanas de gestação em acompanhamento pré-natal.

A forma como nos preparamos para a chegada do bebê, reflete na construção da identidade de gênero que será formada nessa criança. As cores, os brinquedos, as roupas, os personagens de filmes e desenhos animados, orientarão o modo que meninos e meninas devem ver o mundo; sua percepção e imaginação serão construídas, em parte, com base nessas referências.

Algumas mulheres decidem descobrir o sexo do bebê junto aos familiares e amigos, para isso, fazem uma festa chamada chá de revelação. Estes se assemelham aos chás de bebê tradicionais, porém, permitem que o sexo do bebê seja revelado a todos, inclusive aos pais no dia do chá. A proposta é que uma única pessoa da família ou amigo seja escolhida para receber a notícia pelo médico, guardando o segredo até o dia do chá. O escolhido também se responsabiliza pela organização da festa, que, normalmente, é decorada nas cores rosa e azul. Embora a revelação possa acontecer de várias maneiras, em geral acontecem na hora de cortar o bolo, por meio do recheio (azul ou rosa); ou em frente à mesa de doces, deixando-se uma caixa com balões dentro. Ao abrir a caixa, os balões sairão voando e a cor revelará a notícia esperada.

Em alguns lares, o período que antecede a descoberta do sexo do bebê é de muita ansiedade, muitas famílias consideram essa informação decisiva nas escolhas a serem feitas no momento de comprar os móveis do quarto, artigos decorativos, brinquedos, objetos que serão utilizados para alimentação e higiene do bebê, dentre outras utilidades. Especificamente, nesse caso, a descoberta do sexo do bebê vem atrelada à compra do enxoval.

Como se sabe, os bebês começam a aprender desde muito cedo. É também nesse período que as famílias se preparam e passam a criar expectativas de como essas crianças serão educadas, considerando aquilo que a sociedade julga como sendo o melhor. De modo

convencional, a sociedade espera que meninos e meninas comportem-se de maneira diferente: meninos devem ser viris, duros e expansivos; e meninas, gentis e elegantes.

2.1 Da Nomeação do Bebê a Categorização do Gênero

Geralmente, o nome do indivíduo tem o poder de fazer existir um gênero, por esse motivo, sempre que nasce um bebê, a primeira pergunta a ser feita, após saber se este é saudável ou não, é sobre o sexo. A partir do momento em que um bebê é nomeado, recebe tratamento diferenciado, passando a ser inserido em um universo de masculinidades e feminilidades, antes mesmo de ter idade para expressar suas preferências. Se o bebê for menino, terá roupas de cama e vestuário azul, brincar de bola, carrinho, lutas marciais. Se for menina, terá roupas de cama e vestuário na cor rosa, brincar de boneca, casinha, comidinhas. Ou seja, de forma subjetiva, é ensinado que homens e mulheres exercem papéis diferentes na sociedade e que, para serem bem aceitos, meninos devem ter comportamentos de masculinidade e meninas comportamentos de feminilidade. O fato de as pessoas reconhecerem o bebê como pertencente às categorias masculino/feminino afeta imediatamente como ele será tratado, interpelado, capacitado e restringido, e influencia as expectativas sobre sua personalidade e seu futuro (PAECHTER, 2009, p. 16 *apud* SMITH; LLOYD, 1978; BURMAN, 1995; RUBLE; MARTIN, 1998). Categorizar as pessoas como homem ou mulher, desde seu nascimento, é uma forma de regular os indivíduos dentro de uma conduta esperada pela sociedade.

2.1.1 Brinquedos e Cores: Significantes de Gênero

Para categorizar as crianças entre meninos e meninas, alguns objetos têm sido utilizados, é o caso dos brinquedos. Trata-se de objetos usados no ato de brincar e de lazer da criança, produzidos e distribuídos por poderosas empresas multinacionais, que têm o poder de transmitir mensagens, ideologias e sistemas de valores sobre o meio social no qual as crianças vivem. Coulthard & Leeuwen (2004, p. 11) afirmam que os brinquedos são objetos para serem lidos como textos através da manipulação, uma vez que comunicam significados, signos, atores sociais, instituições e relações de poder, encontrados na sociedade na época em que foram construídos. As crianças utilizam os brinquedos para explorar e entender o mundo que as cerca, como também para interagir com os outros. Os brinquedos, portanto, não devem

ser vistos como objetos inócuos, por serem repositórios de valores e estarem ensinando formas de ser.

Teoricamente, meninos e meninas poderiam optar por manipular qualquer brinquedo, porém, na atualidade, meninos tendem a não brincar com “brinquedos de meninas” e meninas a não brincar com “brinquedos de meninos”. Os brinquedos representam em termos de movimentos, combinação de cores, entre outros aspectos, o modo de ser de homens e mulheres. As crianças encenam modos de ser de acordo com o que lhes é ensinado de forma nítida, através dos discursos e práticas ditas naturais, ou até mesmo de forma implícita, como acontece com os brinquedos. Para COULTHARD & LEEUWEN (2004, p. 13 *apud* HALL, 1997, p. 61), representação é:

O processo através do qual membros de uma cultura usam sistemas de significação para produzir significado... Objetos, pessoas, eventos no mundo não têm em si mesmos qualquer significado fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, que atribuímos significado às coisas e ao mundo que nos rodeia. Os significados, conseqüentemente, irão sempre mudar, de uma cultura ou período para outro.

De acordo com a afirmação de Hall (1997), nossas representações estão embasadas em uma cultura e tempo históricos. Funcionam como uma ferramenta que atende ao poder dominante de uma cultura, representando práticas permitidas e vedadas por uma sociedade. Se analisarmos os brinquedos oferecidos às crianças, poderemos perceber que carregam significados capazes de definir as escolhas e características de cada gênero, no entanto, nem sempre as crianças brincam com o sentido proposto pelo fabricante do brinquedo. Por vezes, as crianças atribuem novos significados aos brinquedos, com base em seu contexto e vivência, elas adoram representar, da sua própria maneira, cenas comuns do cotidiano; ora encenadas a partir da própria realidade, ora com base em cenas criadas pela imaginação, de algo que tenham visto ou ouvido.

Outra forma utilizada para categorizar as crianças como meninos ou meninas é a cor. Esta pode ser um importante significante de gênero, como é o caso do rosa associado à feminilidade e o azul à masculinidade. Além disso, as cores podem variar em tons mais claros ou mais escuros, e cada uma delas pode estar relacionada a uma significação social. O rosa, por exemplo, varia entre pink, malva, púrpuras róseos e/ou púrpuras azulados; essa variedade de tons indica haver mais de um tipo de feminilidade encontrado nas cores. O mesmo acontece com o azul, que pode variar entre céu, cobalto, elétrico e/ou marinho; essa variedade de tom, grau e intensidade trará a ideia de vários tipos de masculinidade. O azul claro, por

exemplo, simboliza o que é tido como celestial, superior, elevado; sugerindo paz, tranquilidade, calma. O claro e o brilhante estão sempre ligados ao bom, enquanto o escuro e o negro estão ligados ao mau. O mundo dos meninos tende a ser mais escuro e mais intenso. Quase que invariavelmente invoca mistério, perigo, aventura e sexualidade. O mundo das meninas é voltado à inocência infantil, à vida familiar, às profissões humanitárias e educacionais, à sensação de tranquilidade, sossego, romance; estendendo-se à ideia de mistério, de perigo, ou de sexualidade.

CAPÍTULO III – O PODER DA MÍDIA PARA A CRIANÇA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

A mídia tem um papel fundamental na construção das nossas identidades, sendo um dos lugares por onde nos construímos e nos identificamos como homens e mulheres. Os veículos de comunicação têm legitimado identidades “normais” e silenciado identidades “diferentes”. Desse modo, as informações veiculadas pela mídia influenciam a vida das pessoas, as quais desejam reconhecer-se através dos indivíduos presentes em tal âmbito.

Vislumbramos hoje, no cenário mundial, a invasão tecnológica em todas as instâncias sociais. A tecnologia está presente em grande parte das nossas atividades, como enviar e receber e-mails, fazer ligação, usar GPS, ver TV, ouvir música, enviar e receber mensagens de texto, etc. Desse modo, é difícil imaginar a vida sem tecnologia, a qual não se refere apenas a aparelhos eletrônicos, mas a instrumentos, métodos e técnicas que nos ligam ao futuro. A rapidez com que estas tecnologias emergem a todo instante, tem contribuído significativamente na construção de identidade dos sujeitos, através dos mais variados meios de comunicação. Nesse contexto, a mídia televisiva e publicitária se destaca, seduzindo e produzindo “verdades” na mente humana, através dos seus efeitos e artefatos culturais, como é o caso da TV, propagandas, revistas, jornais, brinquedos, redes sociais, videogames, etc.

Ressalta-se ainda, os efeitos decorrentes do acesso diário das crianças às informações adultas. Steinberg & Kincheloe (2001, p. 34) afirmam que não podemos proteger nossas crianças do poder que a hiper-realidade lhe torna acessível, mas devemos desenvolver uma educação que as ensine a ter senso do caos da informação na hiper-realidade.

A mídia exerce forte influência sobre as crianças nas construções de masculinidade e feminidade, seja pela publicidade televisiva de brinquedos, jogos, cores e vestimentas, como também pelos desenhos animados e filmes que estão inculcados de valores que reforçam a ideia do que é próprio para cada sexo. Paechter (2009, p. 77 *apud* SKELTON; HALL, 2001, p. 17) afirmam que os meios de massa, incluindo a fabricação de brinquedos e de jogos, são uma fonte permanente dos estereótipos convencionais de gênero. As crianças encenam modos de ser de acordo com o que lhes é ensinado de forma explícita, através dos discursos e práticas ditas naturais, ou até mesmo de forma implícita, como acontece com os brinquedos, jogos, filmes, desenhos, etc.

3.1 A Diferença de Gênero Alicerçada em Relações de Poder

A exposição a diferentes visões, que se inicia desde o nascimento e continua ao longo de toda vida, constrói seres humanos reprodutores de normas e padrões, marcados por uma educação baseada em diferenças de gênero, classe, papéis sociais e profissões, reforçando a desigualdade existente entre homens e mulheres.

É impossível negar a intrínseca relação existente entre poder e educação, tendo em vista que a educação dissemina conhecimentos e valores do maior detentor de poder. Em Paechter (2009, p. 29 *apud* FOUCAULT, 1977), somos apresentados ao conceito de vigilância panóptica, segundo o qual a prisão é entendida como um meio de reformar o indivíduo ao invés de puni-lo por seus atos. O modelo de vigilância panóptica consiste em celas iluminadas para os presidiários e uma torre de guarda no escuro. Esse método permite que os guardas observem os presos sem serem vistos e, ao mesmo tempo, cria no presidiário a consciência de estar sendo observado a todo tempo, levando-o a comportar-se de maneira adequada até chegar o momento em que seu bom comportamento será internalizado e se tornará normal. Se observarmos bem, esse tipo de vigilância manifesta-se nos lares, escolas, na vida social como um todo. Familiares e professores, por exemplo, disciplinam as crianças com a finalidade de fazer com que elas se comportem de forma adequada ao que seria considerado normal em sua comunidade local.

Aprendemos a ser de acordo com o poder em nós operante. Conforme Paechter (2009, p. 28 *apud* FOUCAULT, 2002, p. 27), é preciso considerar o fato de que o poder produz conhecimento; que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de conhecimento, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.

Reclamamos da violência contra a mulher, dos salários inferiores das mulheres em detrimento aos dos homens numa mesma profissão, do dever pelas atividades domésticas e maternas, da cobrança exacerbada sobre a juventude do corpo feminino e vestimentas da moda, das profissões adequadas para uma mulher e que, na maioria das vezes, se encaixam naquelas que recebem os salários mais baixos. Reforçamos essas ideias de forma disfarçada, quando ao esperar pela chegada de um filho (a) decoramos o quarto com cores ditas masculinas ou femininas; quando proibimos o menino de fazer ballet ou mesmo de brincar com bonecas; quando selecionamos carros, pistas de corrida, motos, caminhões, helicópteros, navios, revólveres, pistolas, flechas, algemas, ferramentas e capacetes de oficina, bonecos de luta, dinossauros, avião, espada, bola e demais brinquedos apenas para meninos. E de igual

modo, quando selecionamos para meninas bonecas, fogões, geladeiras, máquinas de lavar roupa, panelas, vassouras, lousa, bichinhos de pelúcia, maquiagem, escova de cabelo, secador, chapinha, esmaltes, bijuterias, berços, ferros de passar roupa, carrinhos de bebê, batedeiras, aventais, luvas e toca para cozinhar etc.

O problema não está em oferecer tais brinquedos às crianças, mas sim em proibi-las de brincar, explorar e interagir com qualquer um deles; supondo que ao manipular estes brinquedos estaríamos produzindo meninas masculinizadas ou meninos afeminados. Precisamos quebrar barreiras e tabus na educação sexual de nossas crianças, para que elas compreendam o mundo com menos desigualdade e aprendam a conviver e aceitar as diferenças.

Caldas-Coulthard & Van Leeuwen (2004, p. 18) afirmam que certos papéis, como práticas de domesticidade (a casa e a mulher como dona de casa, por exemplo) são super-representados, enquanto práticas de ‘paternidade’ estão basicamente ausentes no mundo dos brinquedos. Essa diferenciação de papéis sociais apresentados às crianças exprime a preocupação exacerbada em ensinar masculinidades e feminilidades adequadas a homens e mulheres. Ao expor as mulheres ao cuidado da casa e dos filhos, enquanto os homens devem manter economicamente a casa e a família, presumimos que a indústria tem como base determinada ordem social a ser representada, servindo ao poder patriarcal.

3.1.1 Produzindo Homens e Mulheres Dentro da Normalidade

Há mais de cinquenta anos atrás, Simone de Beauvoir afirmou que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Ampliando essa expressão, podemos dizer que homens e mulheres são produzidos com o tempo, através de investimentos continuados de um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. Não há como limitar um momento onde o processo de formação de identidade se instala ou se assenta no indivíduo, visto que essa é uma ação dinâmica, mutável e infundável. É uma construção que acontece de forma sutil, minuciosa e subjetiva, porquanto, na contemporaneidade vivemos mergulhados num universo que dita ordens e conselhos da melhor forma de se viver.

Família, escola, igreja, mídia televisiva e jornalística, cinema, publicidade, propaganda, sites de relacionamento, blogs etc., ditam o nosso comportamento à medida que nos ensinam do que devemos gostar e recusar, o que comer, o que vestir, como andar, como falar, que corpo físico devemos ter para sermos admirados, como ter sucesso, enfim, somos

instruídos a seguir um padrão burguês de homens e mulheres heterossexuais e brancos, com a promessa de sermos plenamente felizes e aceitos pela sociedade.

Como padronizar comportamentos numa época onde se multiplicam os modos de compreender, dar sentido e viver os gêneros e a sexualidade? Relacionamentos e estilos de viver das classes minoritárias que pareciam não existir vieram à tona, de modo que setores que por muito tempo detinham o poder, agora se sentem abalados e perturbados pelas novas práticas sociais. Os grupos minoritários agora lutam pelos direitos iguais para todos, independente do sexo ou gênero, eles desejam falar por si, de si mesmo, sem representantes que não vivam de fato a causa da igualdade. Grupos minoritários e majoritários perceberam o poder de influência que a mídia exerce sobre a educação das pessoas, de qualquer faixa etária, e a partir de então, começaram a se empenhar em gerar material que incuta os valores desejados nesse terreno.

Tentar padronizar, ou mesmo regular, indivíduos nos faz questionar o que é considerado normal e o que é considerado diferente. Entendemos a normalidade, como normas exigidas em uma determinada sociedade, que são incorporadas pela cultura provinda de uma necessidade dessa sociedade. Baseiam-se no princípio de comparação e expressam-se de forma desleal pela forma com que é propagada invisivelmente no cotidiano. Quanto à diferença, esta é um atributo que só faz sentido se comparado a um sujeito que é tomado como referência. Portanto, a posição de identidade construída historicamente será reconhecida como referência e, por conseguinte, todas as identidades que não correspondam a esta serão reconhecidas como diferentes. Segundo Louro (2008), a posição “normal” é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem. O “normal” é visto como natural, estando presente de forma invisível em todos os discursos e objetos culturais.

3.1.1.1 Consumismo e Educação

Na cultura contemporânea, na qual estamos imersos, a educação tem se viabilizado através dos meios de comunicação. Rapidamente, crianças e adultos são vítimas do consumo desenfreado, estimulados a consumir produtos carregados de sentidos, valores e comportamentos para suprir necessidades.

Sabat (1999, p. 244 *apud* GIROUX; MCLAREN, 1995, p. 144) afirma que existe pedagogia em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido e que exista a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que pareçam irremediavelmente

redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum. Através do prazer e ludicidade, muitas vezes revestida de inocência, a mídia reproduz padrões hegemônicos da sociedade; nenhuma publicidade é feita em vão, ela nos convida de forma atrativa a querer ser algo através do “ter”.

Toda e qualquer publicidade pretende vender algo, por isso precisam atrair todos os públicos, seja ele infantil, juvenil ou adulto. Quando os pais e familiares dão as crianças um quarto com inúmeros utensílios, brinquedos, roupinhas e calçados, eles acreditam estarem fazendo o melhor por essas crianças. Envolvidos por propagandas publicitárias, os adultos compram muitos produtos, na expectativa de que o excesso de objetos é a melhor forma para a criança viver bem. O consumismo é visto como uma necessidade, um ato de amor, educação e cuidado pela criança.

Nessa perspectiva, dizemos que os brinquedos e cores escolhidos para o quarto de um filho(a) remetem ao futuro que se espera dessa criança, é como se essas escolhas conduzissem a criança a um lugar determinado, e para quem resta cumprir seu destino. Estamos regulando nossas crianças a padrões comumente aceitos em uma sociedade.

Somos vistos hoje, como uma sociedade imediatista, voltada a tudo que se possa obter pronto e instantâneo, como se tivéssemos perdido o valor das coisas e soubéssemos apenas o preço delas. Estamos preocupados em comprar demasiadamente, mesmo que não precisemos do produto. Parece que o tempo diário não abarca as responsabilidades que possuímos. Precisamos cada dia de mais “coisas” para sermos aceitos em determinados grupos, e estamos dispostos a fazer o que for preciso para mostrar que possuímos uma vida boa e confortável, afinal de contas, as pessoas precisam enxergar em nós uma imagem sempre positiva.

De acordo com Sabat (1995, p. 260):

Tantas informações que recebemos através da mídia estão, por certo, produzindo conhecimento e, como sabemos, a produção de conhecimento não se constitui em um campo neutro, onde aspectos como desigualdade e diferença estão ausentes. Historicamente, a produção do conhecimento tem sido atribuída a um sujeito masculino, branco, ocidental. Este aspecto conferiu às relações um caráter de dominação masculina nos múltiplos campos da sociedade. Através do estudo das relações de gênero, podemos contestar a naturalização que é construída em torno de relações sociais, calcadas na divisão entre femininos e masculinos. Tais divisões permeiam as mais diferentes instâncias da sociedade, levantando barreiras entre o que são consideradas as atribuições normais de cada pessoa, a partir de seu sexo.

O conhecimento produzido pela mídia traz consigo resquícios de desigualdades sociais, colocando o homem branco, heterossexual e ocidental em posições dominantes. Enquanto a mulher é colocada como segundo sexo. Precisamos conhecer o que a mídia tem ofertado como conhecimento, pois a partir do momento que desmistificamos o que está posto como natural e normal, poderemos criar circunstâncias capazes de diminuir as barreiras sociais entre homens e mulheres. É através dos estudos de gênero que conseguimos nos conhecer e nos libertar dos padrões impostos pela sociedade.

Analisaremos a seguir uma amostra selecionada de quartos infantis (Ver Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6), fotografados por JeongMeeYoon (2005), num projeto intitulado “The Pink & Blue”, com a finalidade de observarmos os brinquedos, roupas e cores encontrados nos quartos, bem como representações, semelhanças e diferenças de acordo com o sexo da criança.

Figura 1 – Foto tirada de quarto infantil feminino no ano de 2007



Fonte: http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm (2016)

Figura 2 - Foto tirada de quarto infantil feminino no ano de 2007



Fonte: http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm (2016)

Figura 3 – Foto tirada de quarto infantil feminino no ano de 2007



Fonte: http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm (2016)

Figura 4 – Foto tirada de quarto infantil feminino no ano de 2006



Fonte: http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm (2016)

Figura 5 – Foto tirada de quarto infantil feminino no ano de 2008



Fonte: http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm (2016)

Figura 6 – Foto tirada de quarto infantil feminino no ano de 2005



Fonte: http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm (2016)

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS QUARTOS INFANTIS DE MENINAS

Na foto 1, uma menina está sentada sobre o chão do seu quarto com as pernas estiradas e fechadas, seus braços estão levemente inclinados para frente com as mãos cruzadas entre as pernas. Trajando um vestido cor de rosa, meia calça e tiara branca, a garota mostra sorridente seus brinquedos e roupas. Pelas paredes do quarto, vemos roupas penduradas e, no chão, enxergamos brinquedos. As roupas variam entre casacos, vestidos e calças. Os brinquedos variam entre secador de cabelo, torradeira, banheira, talheres, carro, bola, panela, pelúcia, óculos de sol e leque. Em seus brinquedos e roupas, encontramos o personagem infantil: Hello Kit. A cor predominante dos objetos encontrados no quarto é rosa, em várias tonalidades, mas há vestígios de lilás.

A foto 2 é composta por uma menina que se encontra no meio do quarto exibindo seus brinquedos, roupas e calçados, numa posição em pé, com os pés unidos, lembrando o estilo de um soldado. A menina está de vestido e meia calça cor de rosa. Em uma das paredes, encontra-se uma cortina também na cor rosa com estampa floral. Na outra parede, estão pendurados alguns vestidos e casacos. Sobre os móveis e no chão do quarto, estão os brinquedos e calçados de cor predominantemente rosa, com variações lilás. Os brinquedos variam entre livros, máquina registradora de supermercado, panela, binóculos, boneca, espelho, bolsa, penteadeira e casinha de boneca. Alguns brinquedos são dos personagens infantis Hello Kit, Minnie e Princesas da Disney.

Na foto 3, vemos uma menina sentada com as pernas cruzadas sobre a cama, expondo seus brinquedos, roupas, calçados e mochilas. A menina está vestindo o que parece ser um short e uma blusa na cor rosa. Pendurado na parede do quarto é possível ver casacos, blusas e saias. Sobre a cama, móveis e chão estão os brinquedos calçados e mochilas. Os brinquedos variam entre carrinho de bebê, cama de boneca, panela, óculos de sol, penteadeira, banheira, bicicleta, boneca, bola, fogão, pelúcia, bolsas e livros. É possível identificar objetos dos personagens infantis Barney (dinossauro), Ursinho Pooh, Barbie, Meninas Super Poderosas, Hello Kit e Princesas da Disney. A cor predominante dos objetos é o rosa, com variações lilás.

A foto 4 é composta por uma menina que se encontra deitada sobre a cama exibindo seus brinquedos, roupas e calçados. A menina veste short, blusa e tiara na cor rosa. Em uma das paredes do quarto estão pendurados alguns vestidos e uma fantasia de princesa (aparentemente Cinderela). Sobre a cama e chão do quarto vemos uma variedade de brinquedos e calçados. Os brinquedos se distinguem entre carrinho de bebê, boneca, livros, bolsas, secador de cabelo, cosméticos, varinha mágica, carro, colares e pulseiras.

Identificamos alguns objetos dos personagens Dora a aventureira, Barbie e Hello Kit. Nos objetos, predominam a cor rosa, com variação lilás.

Na foto 5, uma menina apresenta seus brinquedos, roupas, mochilas e calçados. A garota encontra-se em pé com uma das mãos segurando o vestido e outra segurando um chapéu de aniversário. A menina está usando um vestido com o tema das Princesas da Disney e uma tiara de cor rosa. Sobre a cama, móveis e chão do quarto, estão algumas peças de roupas, brinquedos e calçados. Entre os brinquedos temos: telefone, livros, carrinho de bebê, copos, painéis, boias, boneca e pelúcia. Predominam a cor rosa, com variação lilás.

A foto 6 apresenta uma menina sentada sobre o chão do quarto com as mãos para trás, trajando um vestido rosa e coroa de princesa. Na parede e armário, há algumas roupas e brinquedos. No chão do quarto estão os brinquedos e calçados. Os brinquedos variam entre telefone, livros, carrinho de bebê, copos, talheres, boias, mochilas, boneca, painel e pelúcia. Percebemos alguns personagens nos objetos, entre eles as Princesas da Disney, Hello Kit, Dora aventureira, Barbie e o Gato de Cheshire (Alice no país das Maravilhas).

Conforme as reflexões dispostas no tópico 2 desta monografia, meninos e meninas são tratados de maneira distintas na sociedade, devido às diferentes expectativas que os pais têm sobre os filhos de sexos diferentes. Os quartos infantis são decorados de acordo com o sexo, antes mesmo que a criança possa expressar suas preferências por cores, roupas e brinquedos. Determinados objetos e cores encontrados nos quartos de meninas, fazem parte do padrão ideal de feminilidade, e por esse motivo, não deveriam ser oferecidos a meninos e vice versa. Os brinquedos, roupas e cores de um quarto de menina diferem em quase todos os aspectos de um quarto de menino. Consoante Paechter (2009, p. 58 *apud* SMITH; LLOYD, 1978, STERN; KARRAKER, 1989, RUBLE; MARTIN, 1998), ambos, meninos e meninas, recebem brinquedos estereotipados na perspectiva de gênero e os oferecem na interação com adultos em situações lúdicas experimentais. Espera-se que ao limitar o uso de objetos estereotipados às crianças, estas apresentem performances esperadas para o seu sexo, pela cultura vigente.

Os quartos infantis citados anteriormente, revelam cores, roupas e brinquedos associados a padrões culturais de identidade feminina. As cores rosa e azul são utilizadas para diferenciar e construir identidades de meninas e meninos. Filha (2012) afirma que as cores marcam os corpos – o masculino e o feminino –, ditando regras e prescrições normativas de como se constituir, se portar, se movimentar, de como agir e de como ser na vivência e na constituição da identidade de gênero, como também da identidade sexual. Acreditamos que,

por ditar formas de ser de meninas, os quartos femininos são compostos por uma maioria de objetos na cor rosa.

O significado da cor rosa revela muito sobre a sua utilização em artigos femininos. A coloração rosa representa o amor e a sabedoria divina, por se originar da junção do vermelho com o branco. A cor vermelha simboliza o amor divino e o branco a inocência e sabedoria divina. A palavra *rosa* possui origem latina, estando associada à chuva de orvalho, um fenômeno que ocorre como consequência do resfriamento noturno, causando a saturação do ar e formando pequenas gotas de água em cima de qualquer objeto. O orvalho é apreciado em regiões secas, por molhar o solo de forma delicada e sutil. Na Bíblia é associado a bênçãos, fertilidade e abundância. As cores que variam entre roxo, púrpura, violeta e lilás são associadas à realeza, nobreza, riqueza e espiritualidade, por se tratarem de cores raras de serem encontradas na natureza. Também é uma cor usada nas vestes de monges budistas, padres e bispos da mais alta hierarquia religiosa. A cor rosa é utilizada nos objetos femininos como indicador de feminilidade e para estimular nas meninas inocência, amor, fertilidade, delicadeza, dentre outros significados.

Tendo exposto sinteticamente a origem e significado das cores rosa e lilás, faremos a seguir uma análise dos objetos encontrados nas Figuras de 1 a 6 e suas representações. Nas seis fotos exibidas, encontramos pelo menos um desses artigos: boneca ou carrinho de bebê; fogão, panelas ou talheres, espelhos, cosméticos ou penteadeiras, além de vestidos e coroas relacionados às princesas. Isso se dá devido aos valores culturais dominantes de nossa sociedade. Estariam esses brinquedos estimulando a maternidade às meninas? Ensinando-as a serem submissas aos seus futuros maridos, a cuidarem das atividades domésticas, ou a serem vaidosas com o propósito de parecerem sempre belas? Parece-me que estamos preparando meninas para a década de 50, pois nessa época era reservado às mulheres apenas o ambiente familiar e as tarefas de cunho doméstico.

Por meio dos movimentos feministas surgiu a luta pela igualdade de direitos de homens e mulheres e com isso a mentalidade feminina também mudou. Contudo, a indústria infantil continua a promover papéis delineados do feminino/masculino, como uma armadilha que segrega mulheres a exercerem posições subalternas aos homens. Diante disso, Miguel (2014) destaca que a igualdade reivindicada vai ser entendida como a busca pela inserção numa universalidade que não é neutra, em decorrência de estar preenchida com as características do “masculino”. A luta pela igualdade é desproporcional, no sentido em que o poder é notadamente marcado por padrões de comportamento masculino. Em uma sociedade que determina papéis sociais de acordo com o sexo de cada indivíduo, seria no mínimo

estranho que meninos e meninas brincassem com os mesmos brinquedos. Esse tipo de ação colocaria em risco os padrões de feminilidade e masculinidade, promovendo igualdade de gênero.

Nas fotos 1, 3 e 4 encontramos brinquedos criados para o universo masculino, como por exemplo: carro, bola e bicicleta. Quando encontrados entre meninas, esses objetos precisam ser “feminizados”, necessitam fazer parte do universo tido como feminino: um carro delicado, com cores variando entre o rosa e o lilás. O carro de menina não é criado para ser utilizado como carro do menino! Quando uma menina se interessa por brinquedos do universo masculino, estes precisam entrar em seu campo de materialização do feminino, visto que estão relacionados ao esporte e enfocam a corporalidade da força física, algo que se busca apenas nos meninos.

Ao brincar com um carro, meninas desejam expressar *status* e beleza, enquanto os meninos desejam expressar aventura e velocidade. Sabat (1999) alerta que pensar em termos de deslocamento de significantes serve como meio de identificar como a representação da mulher – mesmo que ainda esteja bastante ligada a representações mais tradicionais, como a maternidade, por exemplo – consegue dispor de um número maior de significados, do que a representação do homem. Apesar de ser possível imaginar uma menina brincando de bola, a maioria dos adultos não permite que um menino goste e brinque de boneca.

Embora meninos possam exercer a paternidade na fase adulta, os brinquedos que lhes são direcionados não almejam aguçar esse desejo. Afinal de contas, em nossa sociedade, os homens não podem “atrapalhar” suas vidas profissionais em detrimento de cuidados com os filhos, cabendo às mulheres a tarefa de saber administrar família e trabalho, ou mesmo abandonar a carreira profissional para cuidar dos filhos. Essa forma de conceber a mulher como principal responsável pelos filhos é geneticamente ligada à reprodução das desigualdades de gênero. Biroli (2014, p. 49) afirma:

A divisão sexual do trabalho é um fator relevante na reprodução dessas desigualdades. No âmbito doméstico, impõe às mulheres ônus que serão, então percebidos como deficiências em outras esferas da vida. A conexão entre o aspecto doméstico e não doméstico da vida é profunda e permeia todos os espaços e atividades. As formas de definir – e restringir – o papel da mulher em uma dessas esferas organizam suas possibilidades de vida nas outras. Assim a responsabilidade exclusiva pela gestão da vida doméstica corresponde, ao mesmo tempo, à vulnerabilidade na vida privada (em que os arranjos convencionais, ou quase convencionais, produzem desvantagens para as mulheres, que têm menos tempo e recursos para qualificar-se e investir em sua vida profissional, permanecendo dependentes ou obtendo rendimentos menores que os dos homens) e na vida pública (em que as

habilidades desenvolvidas pelo desempenho dos papéis domésticos serão desvalorizadas e, em alguns casos, vistas como indesejáveis para uma atuação profissional satisfatória).

Colocar a mulher no centro das atividades domésticas produz desvantagens em sua carreira profissional. Ao se responsabilizar pelas atividades do lar, seu tempo para profissionalizar-se será menor do que o do homem. As relações entre maternidade e sexualidade têm sido aplicadas para restringir a autonomia da mulher, posto que ao assumir a responsabilidade prioritária dos filhos, a mulher coloca a carreira profissional em segundo plano.

Nas fotos 2, 3, 5 e 6 percebemos a presença de fantasias, coroas, bolsas, dentre outros artigos relacionados à marca Princesas da Disney. Perguntemo-nos, então, por que meninas desejam tanto se tornar princesas? Cechin (2014) destaca que essas princesas “ensinam” que o modelo de beleza que apresentam expressa bondade e garante a “verdadeira felicidade”. Meninas aspiram fazer parte da nobreza, querem ser consideradas belas e terem um romance com final feliz.

Cechin (2014, p. 145 *apud* WOHLWEND, 2008) ressalta que, a partir das figuras das princesas da Disney, é possível traçar um perfil da feminilidade contemporânea, pois além de serem ícones de consumo, são tratadas como modelos femininos que devem ser apresentados às crianças desde tenra idade, representando o arquétipo das heroínas dos contos de fada e apresentando um modelo de “feminilidade ideal”.

Os brinquedos, desenhos e filmes ensinam às meninas que para se tornarem princesas, elas terão de aprender comportamentos e atitudes, tais como: cuidar da beleza (corpo), ser dócil, submissa, bondosa, romântica (heterossexual), possuir etiqueta, e habilidades com os afazeres domésticos. Cechin (2014, p. 144 *apud* GOMES, 2000, GIROUX, 2004, HURLEY, 2005, LACROIX, 2004, MALFROID, 2009, ROZARIO, 2004, SILVERMAN, 2009, MATYAS, 2010, WOHLWEND, 2008) afirma que esse padrão de valores e de características físicas e comportamentais são as formas contemporâneas de educar e governar as subjetividades das crianças. As princesas representam um ideal de feminilidade da cultura contemporânea: brancas, ocidentais, heterossexuais, ostentando os ideais da nobreza e da burguesia.

As crianças estão cercadas por imagens que ensinam gostos e preferências, sobre isto, Cechin (2014, p. 135) afirma:

Na crescente profusão de imagens nas quais as crianças estão imersas, determinados modos de pensar, agir e ser são ensinados e reconhecidos como legítimos. A educação imagética está cada vez mais presente na vida cotidiana das crianças, tornando-se um âmbito legítimo da educação das subjetividades, pois a formação da identidade perpassa diversos dispositivos e personalidades culturais. As representações culturais envolvidas nas imagens pictóricas estão apenas relacionadas a uma personalidade reconhecida conscientemente dentro da cultura e com marcas do lugar dessa identidade de cultura. Dessa forma, as subjetividades são atravessadas por modelos identitários difundidos pelas imagens estampadas em filmes, brinquedos, roupas, revistas, etc.

Desde pequenas, as crianças são presenteadas com objetos que traduzem a diferença entre meninos e meninas. É com base nessa diferenciação que seus quartos são construídos. As imagens presentes nos desenhos, filmes, roupas e brinquedos também as ensinam a ocuparem o seu lugar ao mundo, lugar este que foi demarcado desde a descoberta do seu sexo e, posteriormente, veiculado ao seu nome.

A publicidade televisiva de brinquedos infantis investe e apela na rotulação e separação de brinquedos para meninos e meninas. Os quartos infantis de meninas exibem uma variedade de brinquedos direcionados a atividades domésticas e maternas. A respeito disso, Paechter (2009) afirma ser o recanto do lar um espaço inquestionavelmente feminino, habitado quase que exclusivamente por meninas brincando de casinha, eventualmente, com um menino no papel subordinado do pai, da criança ou do cachorro. É no recanto do lar que as meninas exercem poder, não lhes sendo dado o direito de escolhas. Elas estão enraizadas de influências dos papéis vividos em seu mundo.

Nas Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6 percebemos a presença de bonecas ou carrinhos de bebê. Como sabemos, os brinquedos estão impregnados de significações que variam de acordo com o contexto histórico e social e, por esse motivo, têm sido utilizados para ensinar meninas a desenvolverem a maternidade.

Apesar da criação e disseminação do anticoncepcional desde os anos 60, e este ter significado uma revolução sexual para as mulheres, por permitir manter relações sexuais por prazer e não mais apenas como meio de reprodução. Percebe-se que, ainda hoje, casais que decidam não ter filhos (sanguíneos ou adotados) são cobrados pela sociedade, como se lhes faltasse algo para se tornarem uma família de verdade. Nesse sentido, Azevedo (2005, p. 03 *apud* MCLAREN, 1997, p. 08) afirma:

As mulheres ganhavam estatuto através da maternidade, mas o que era muitas vezes o mais importante para as gerações anteriores não era tanto a questão de quantas crianças nasciam como a de quem as dava à luz, quando

e porquê. O casamento desempenhava o papel mais óbvio na regulação social da fertilidade. A fertilidade da mulher casada era sancionada como coroação do êxito da família na escolha do cônjuge e em assegurar herdeiros. Mas a comunidade procurava reprimir a fertilidade da mulher solteira, desafiando, como desafiava, o conceito de que a procriação devia servir, não os interesses individuais, mas os familiares.

A maternidade representa o fruto de uma família, o sucesso do casamento é apresentado às sociedades através dos filhos. Por esse motivo, o sexo foi concebido por muito tempo apenas como meio de procriação. Os brinquedos ditos femininos dão ênfase ao romance com final feliz e à maternidade, apresentando um modelo de feminilidade ideal, pois como mulher esta deve cumprir o seu papel de esposa, dona do lar e mãe, como se não lhe houvesse escolhas e seus caminhos e espaços já estivessem traçados e delimitados desde o seu nascimento.

Nas fotos 3, 4 e 6 é possível perceber a marca Barbie nas roupas e brinquedos. Barbie é o tipo de boneca desenhado para assumir poses, por não conseguir ficar em pé sozinha, pois seus pés foram produzidos para usar salto. Então, mesmo que a boneca esteja sem o calçado, seus pés estarão imitando um salto alto; suas pernas não se abrem e sua cabeça se move para todos os lados, inclusive para baixo, para que possa ser colocada em posições submissas. A Barbie sempre está envolvida em atividades de submissão socialmente desejáveis, como ir às compras e ao trabalho, o que demonstra o apelo desenfreado ao consumo como meio para felicidade.

Cechin (2014) afirma que o ideal de beleza feminina vem sendo alterado de corpos extremamente magros para corpos de meninas púberes, o qual se constitui em um ideal praticamente impossível para mulheres adultas. No caso da Barbie, investe-se no corpo com imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude e beleza, através das roupas, acessórios, adornos, exercícios físicos etc. Tudo isso implica numa maneira de treinarmos nossos sentidos para rotular os sujeitos pela forma como eles se apresentam corporalmente, gerando assim desigualdades e, principalmente, classificação e fixação de gêneros. A Barbie exhibe beleza e juventude, aspectos que podem ser associados ao dinheiro e ao consumo, alimentando uma busca incessante por moda e beleza associado ao corpo púbere, ideal de corpo inatingível.

Passemos agora à análise das imagens referentes aos quartos de meninos (Ver Figuras 7, 8, 9, 10, 11 e 12), fotografados por JeongMeeYoon (2005), no projeto “The Pink & Blue”.

Figura 7 – Foto tirada de quarto infantil masculino no ano de 2007



Fonte:

http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm

Figura 8 – Foto tirada de quarto infantil masculino no ano de 2007



Fonte:

http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm

Figura 9 – Foto tirada de quarto infantil masculino no ano de 2006



Fonte:

http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm

Figura 10 – Foto tirada de quarto infantil masculino no ano de 2008



Fonte:

http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm

Figura 11 –Foto tirada de quarto infantil masculino no ano de 2005



Fonte:

http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm

Figura 12 – Foto tirada de quarto infantil masculino no ano de 2006



Fonte:

http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm

4.1 Análise dos Quartos Infantis de Meninos

Na foto 7, um menino está sentado em uma cadeira azul com as pernas levemente levantadas, em suas mãos há uma espada. Trajando calça jeans, camisa de manga longa e meia azul, o garoto mostra seus brinquedos e roupas. Pelas paredes do quarto, observamos pôsteres e roupas penduradas e sobre os móveis e no chão do quarto, vemos brinquedos e calçados. Nas peças de roupas, identificamos apenas casacos, em pouca quantidade. Os brinquedos variam entre carro, velocípede, caderno, caneca, espada, boia, livros, boneco, lápis, bola. Em seus brinquedos e roupas, encontramos o personagem infantil: Superman. A cor predominante dos objetos encontrados no quarto é azul, mas há resquícios de vermelho.

A foto 8 é composta por um menino que se encontra sentado no meio do quarto com as pernas cruzadas, a exibir seus brinquedos, roupas e calçados. O menino está vestindo um casaco azul e calça jeans. Em uma das paredes, estão alguns casacos azuis pendurados. Sobre os móveis e no chão do quarto, estão os brinquedos e calçados. Os brinquedos variam entre carro, trem, jogos de lego, pistas de corrida, revólver, bonecos, boias e espadas. Os objetos possuem cor predominante azul, com resquícios de vermelho.

Na foto 9, vemos um bebê sentado no meio do quarto, vestindo um body azul. Na parede do quarto é possível ver lençóis, toalhas e roupa de berço pendurados. Sobre o chão estão roupas, brinquedos, calçados, almofada, fraldas, babador e produtos de higiene pessoal. Os brinquedos variam entre ursos de pelúcia, mordedor e DVD. É possível identificar objetos do personagem Ursinho Pooh. A cor predominante dos objetos é azul, porém há resquícios de vermelho.

A foto 10 é composta por um menino que se encontra em pé com uma das mãos formando um V com os dedos. O menino veste calça e casaco azuis. As paredes do quarto também são azuis, em umas delas podemos ver uma fotografia e, na outra parede, dois mapas mundi. Sobre os móveis e no chão do quarto vemos uma variedade de brinquedos, roupas, mochilas e calçados. Os brinquedos se distinguem entre jogo, livro, capacete, letra móvel, piano, carro, caneca, guarda chuva e tesoura. Entre as roupas observamos camisas, casacos e gravatas. Identificamos alguns objetos dos personagens Mickey Mouse e Homem Aranha, além de camisa de time de futebol. Nos objetos, predominam a cor azul com traços de vermelho.

Na foto 11, um menino apresenta seus brinquedos, roupas, mochilas e calçados. O garoto encontra-se sentado sobre a cama com as pernas cruzadas e mãos dadas. Ele está vestindo uma calça jeans e camisa do Superman. Nas paredes brancas do quarto, é possível

ver pôsteres, desenhos infantis e cortinas brancas com estampa de menino praticando esportes. Sobre a cama, móveis e chão do quarto estão algumas peças de roupas, brinquedos, mochilas e calçados. Entre os brinquedos temos robôs, livros, bolas, caixas e jogos. As roupas variam entre camisas e casacos. Em algumas roupas encontramos a marca do Superman. Os objetos possuem predominância de cor azul com resquícios de vermelho.

A foto 12 apresenta um menino sentado sobre o chão do quarto com as mãos no queixo e pernas abertas. O menino está vestindo uma calça jeans, camisa e meia azul. Na parede, chão e armário, há roupas, lençóis e brinquedos, os quais variam entre bonecos, carros, pelúcia, livros, alfabeto móvel, bola, cabana, boliche e jogos de lego. As roupas variam entre shorts, calças, camisas, casacos e gravatas. Percebemos alguns personagens nos objetos, dentre eles o Homem Aranha e Superman. Os objetos possuem predominância de cor azul com aspectos de vermelho.

Os quartos infantis de meninos citados nas fotos 7, 8, 9, 10, 11 e 12, revelam cores, brinquedos e roupas semelhantes e de forma padronizada. A cor encontrada com mais predominância é o azul, por ser utilizada para classificar a identidade de gênero de meninos. Cordazzo & Vieira (2008) afirmam que o uso de cores clássicas, azul e rosa na classificação de brincadeiras masculinas e femininas, que são cores com forte significado cultural de gênero, pode ser um viés nas respostas dos sujeitos em estudos que envolvem diferenciação de gênero.

Percebemos que o azul não está associado biologicamente ao sexo masculino, mas aos padrões culturais. Desse modo, é utilizado nos quartos infantis antes mesmo da criança poder optar e ter preferências de cores. Acreditamos que isso acontece como uma estratégia de familiaridade infantil com esses objetos, a partir do estabelecimento de uma relação inerente e natural, reforçando certos valores e características atribuídas aos homens. Guerra (2007, p. 139) aponta:

Desde muito cedo, as crianças vão sendo socializadas e passam por um processo de inculcação sobre os “papéis” definidos quanto ao gênero: na gestação, a escolha da cor do enxoval exprime, simbólica e, por vezes, inconscientemente, futuras expectativas. Apesar dos neutros amarelo, verde e branco, ainda há a tradicional presença do cor-de-rosa (reforçado pelo mercado, mídia e escola) para a menina, cor que entoia a calma, fragilidade, meiguice, e o azul para o menino, traduzindo a imensidão sem limite do céu, dos oceanos, sendo apontada na cromoterapia como a cor da intelectualidade, da força, da razão.

A escolha feita pelos pais para o enxoval, brinquedos e decoração do quarto do bebê não são neutras, uma vez que exprimem, de forma implícita e às vezes inconsciente, as expectativas esperadas pela família quanto aos papéis sociais dessa criança. Cada objeto escolhido para compor o quarto do bebê, foi colocado para delimitar, reproduzir e classificar distintivamente homens de mulheres. Os brinquedos e cores representam como a sociedade comunica significados diferentes de gênero. Seus conceitos parecem emergir naturalmente nas crianças, porém podemos observar que elas estão sendo influenciadas desde o seu nascimento pelas ideologias presentes nesses objetos.

Coulthard & Leeuwen (2004, p. 22) afirmam que a cor é fonte de prazer e produz (ou não) significados afetivos. Todos nós reconhecemos o valor emotivo e sensual das cores. Através de tons diferentes, o princípio do prazer é encenado. Reagimos positivamente às cores que nos atraem. E as cores em geral estão carregadas de significação social. Nossas identidades são construídas a partir das aprendizagens com esses objetos.

Outro questionamento que fazemos é: por que o azul tem sido empregado nos objetos de meninos? O significado da cor azul se traduz na sua utilização em artigos masculinos. Segundo Portal (2011), para o cristianismo Deus é amor e Cristo é a verdade. O símbolo de Deus e do seu amor é vermelho, e o de Cristo como verdade é azul, assim como suas roupas são azuis. O Espírito Santo provém do Pai e do Filho, portanto é representado pela união das cores vermelho e azul. A sabedoria divina encontra no azul o seu símbolo, sendo que a união do vermelho com o azul representa o amor e a sabedoria, como pai dos deuses e dos homens.

A cor azul emana do vermelho, do branco e do preto, podendo assim se distinguir em vários tons. O azul que emana do vermelho representa o fogo do batismo. O azul que emana do branco representa a fé, a água viva do batismo natural presente na Bíblia. E o azul que emana do preto remete-nos à ideia da criação do mundo. Cechin (2014, p. 138) destaca que o azul simboliza o que é tido como celestial, superior, nobre, elevado. O azul sugere paz, tranquilidade, calma e com suas tonalidades de claro, escuro, pálida ou intensa, pode criar tipos de masculinidades.

Tendo exposto as possíveis origens e significados das cores azul e vermelho, faremos a seguir uma análise dos objetos encontrados nas fotos referentes aos quartos de menino, bem como suas representações.

As diferenças entre meninos e meninas são, em grande parte dos casos, explicados a partir de argumentos biológicos. Menino não gosta e não brinca de boneca pelo simples fato de ser menino. Percebemos, no entanto, que meninos são ensinados a não gostar de bonecas, com o argumento de que ao brincar com “brinquedos de menina”, tornar-se-iam afeminados.

Tais discursos ensinam que meninos são naturalmente mais agressivos, assertivos e racionais do que as meninas, inclinados aos esportes, à competição, às ciências exatas e à identidade heterossexual. Comportamentos sensíveis e artísticos não são valorizados nas formas hegemônicas de masculinidade, sendo alvo de exclusão, violência e ridicularização. Guerra (2007, p. 139) aponta:

Em tenra idade, os brinquedos vão sendo direcionados, raramente escolhidos por afinidade, tendo a menina maior acesso às bonecas, roupinhas, casinhas, panelinhas, vassourinhas, tudo “inhas”, brincando mais quietinhas, visando a, de modo nada neutro, criar um cenário propício para futuras donas-de-casa (rainhas do lar sublimadas, sem coroa, salário, valor social ou status), esposas, mães. Para eles, as bolas, carrinhos, com estímulo ao desenvolvimento da coordenação motora, correndo, pulando, subindo, trepando... sendo orientados a falar em público para ocupar esse espaço no futuro e também dirigir carros e suas próprias vidas; serem protetores, provedores e agressivos com suas espadas e espingardinhas de chumbo, sob modelos de super-heróis dos quadrinhos: invencíveis.

Desde bebês, as crianças recebem brinquedos que delimitam o seu gênero como algo fixo. Ao longo do desenvolvimento infantil, a maioria delas não escolherá brinquedos que fujam aos padrões de feminilidade ou masculinidade aceitos pela sociedade. Brinquedos são o espelho do mundo adulto, significam como a sociedade se parece de acordo com os papéis sociais e apontam o caminho que as crianças devem trilhar. Os brinquedos são utilizados de forma lúdica para ensinar as crianças a entenderem o mundo. Os grandes produtores de brinquedos os utilizam como recursos para impor ideologias e sistemas de valores sociais. Coulthard & Leeuwen (2004) afirmam que os brinquedos são um repositório de ideologias e “sistemas de valores” sociais. É brincando, interagindo, se divertindo e tendo prazer, que meninos e meninas são manipulados por poderosas empresas multinacionais, ditando formas de ser.

Nas fotos 7, 8, 11, e 12 percebemos a presença de bonecos (super-heróis e robôs), chamando-nos a atenção por apresentarem, em geral, apenas um tipo de corpo: branco, magro, atlético, musculoso, forte, viril e com cabelos lisos. As narrativas desses bonecos expressam os modelos de corpo, conduta, beleza e estilo de masculinidade esperado para homens normais e másculos. Cruz & Silva (2011, p. 138 *apud* BROUGÈRE, 2004; ROVERI, 2008) afirmam que a palavra “boneca” é empregada em brinquedos feitos para meninas. No lugar da palavra “boneco”, os fabricantes usam o termo figuras de ação, que define os personagens como velozes, maldosos, heróis e viris vendidos aos meninos (BROUGÈRE, 2004; ROVERI, 2008).

Os bonecos para meninos, também chamados de figuras de ação, são desenhados para a ação, como o próprio nome diz. Em termos de gênero, isso é um grande significante, pois o movimento dos bonecos para meninos assume movimentos diferenciados das bonecas para meninas. Os bonecos conseguem ficar em pé sozinho sem cair, segurar objetos, abrir as pernas e movimentar a cabeça para os lados mantendo o queixo erguido; também não movimentam a cabeça para baixo, pois esse movimento poderia ser entendido como uma posição de submissão. Coulthard & Leeuwen (2004, p. 21) destacam que a representação visual dos brinquedos situa meninos e meninas em diferentes esferas e transmite significados relacionados ao gênero.

Nas fotos 7, 10, 11 e 12 percebemos a presença de pelo menos um super-herói: Superman e/ou Homem Aranha. Por que meninos desejam tanto se tornar super-heróis? Talvez porque os super-heróis possuam habilidades sobre-humanas, conseguindo salvar todos que estão em perigo, através de suas habilidades físicas, mentais e, principalmente, da sua coragem. Os super-heróis vivem secretamente grandes aventuras, envolvendo outros seres extraordinários, sejam eles heróis ou vilões. Esses fatores evidenciam que, numa cultura ocidental, meninos são educados para salvar uma dada sociedade quando adultos, por isso devem ocupar as melhores posições sociais, devido ao seu poder e importância. Coulthard & Leeuwen (2004, p. 27) afirmam:

Brinquedos para meninos apresentam algumas classificações muito estranhas, mas, implicitamente, situam os pseudo-atores em cenários orientados em termos profissionais ou de ação. Essas classificações apontam para relações de poder, para super habilidades, ou para o poder sobrenatural. Em todas elas, portanto, algum tipo de poder é transmitido.

Significados ideacionais de uma cultura presentes nos brinquedos perpetuam desigualdades de gênero. Aos homens, é atribuído o mundo público, político, ação e poderes superiores. Enquanto o mundo das mulheres está ligado à domesticidade, restrita a certas atividades e papéis sociais.

Nas fotos 7, 10, 11 e 12 encontramos nos quartos de meninos pelos menos um brinquedo relacionado aos meios de transportes e velocidade: carro, trem e pista de corrida. Mas, o que esses brinquedos podem significar? Podemos inferir que esse tipo de brinquedo ensina meninos a dirigirem não apenas veículos, mas também suas vidas. Aos meninos é dado o direito à vida pública, à independência, autonomia, aventura etc. Eles são os primeiros a conseguirem a “liberdade”, se observarmos, por exemplo, que têm autorização para brincar fora de casa mais cedo que as meninas, as quais costumam brincar com maior frequência

dentro de seus lares, embaixo de um olhar protetor. Aos meninos cabe o direito de aventurar-se, arriscar-se, correr e extravasar sua energia e agressividade. Guerra (2007, p. 139) propõe a seguinte reflexão:

Se ele pode vir a possuir um barraco, casa ou apartamento, potencialmente pode desejar ser pai, então porque não brincar de casinha, de boneca? E ela, pode futuramente dirigir, porque não brincar de carrinho e ir se exercitando desde cedo? As seguradoras de carro proporcionam maiores descontos à titular mulher exatamente porque, ao contrário do que diz o senso comum, “no volante são menos perigo constante”. A maior parte dos acidentes graves e com mortes acontece com eles.

Na verdade, o que está em jogo não são as habilidades ditas inatas, e sim o jogo de poder que legitima homens a serem livres e mulheres a viverem ancoradas em um mundo de afazeres domésticos. Meninos são mais estimulados a se movimentarem do que meninas e, por possuírem maior liberdade, participam de mais atividades esportivas, como mostram as fotos 7, 10, 11 e 12, nas quais foram encontradas bolas, jogo de boliche, camisa de times, cortinas com imagens de meninos praticando atividades esportivas etc. Já nas fotos 7 e 8 encontramos revólveres e espadas, numa demonstração de que meninos são estimulados pela própria família a serem agressivos, como demonstra Guerra (2007, p. 140):

Inevitavelmente, os estereótipos podem levar a discriminações e a etnocentrismos, cenários propícios a extermínios de grupos e à guerra. Quem faz tais associações equivocadas é o adulto preconceituoso, ao afirmar, por exemplo, para o menino: “larga essa boneca que isso é coisa de mariquinha”, e ao praticar violenta retaliação: “homem que é homem não leva desaforo pra casa”, “homem não chora” ou “se apanhar na rua, vai apanhar aqui em casa também”. Depois se queixam da violência predominantemente exacerbada entre jovens do sexo masculino e da comum violência doméstica.

É preciso romper com esses estereótipos que atendem a papéis tradicionalmente construídos, reproduzindo privilégios de homens em detrimento a mulheres. Meninos e meninas precisam ter acesso a brinquedos e cores que não os classifiquem quanto ao gênero, para que, assim, possam fazer suas escolhas futuras baseados em suas preferências.

Também me chama a atenção o fato de termos mais homens do que mulheres em profissões que envolvam raciocínio lógico matemático. Será que isso está relacionado com a ideia de que os homens possuem maior inteligência nessa área? Creio que não, presumo que isso se deva ao fato de oferecermos aos meninos desde muito cedo brinquedos que estimulem noções espaciais, soluções financeiras, raciocínio lógico e construção e montagem de objetos,

como é o caso do Lego, dama, dominó, cubo mágico, jogos como Banco Imobiliário e WAR, comumente encontrados nos quartos infantis de meninos. Biroli (2014, p. 115) afirma:

A divisão sexual do trabalho também precisa ser discutida do ponto de vista do exercício da autonomia por mulheres e homens. Ela está na base do acesso diferenciado a recursos, a tempo – para dedicação ao trabalho, mas também o tempo livre -, a experiências distintas e ao envolvimento de aptidões que se convertem em alternativas. Tem relação direta com a socialização, também distinta, de meninas e meninos e com a construção diferenciada de horizontes de possibilidades para mulheres e homens, desde a infância.

Considerando que os brinquedos são ferramentas produzidas pela indústria, depreendemos que eles são utilizados para demarcar posições de feminilidade e masculinidade, promovendo significados sociais que têm como base o poder patriarcal. Se as mulheres ocupam profissões humanitárias, é porque desde sua infância lhes foi atribuído esse lugar. Associam profissões humanitárias aos fatores biológicos das mulheres, por estas poderem gerar filhos e amamentar, ao tempo que são estas profissões as menos valorizadas financeiramente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar os modelos de construção de masculinidades e feminilidades nas comunidades de prática é uma forma de entendermos como se aprende e também como se constroem identidades de gênero na família, escola e sociedade. O momento mais adequado para esse tipo de aprendizagem compreende a fase da infância, por se tratar de um período no qual os adultos mais próximos à mídia publicitária possuem maior domínio e influência sobre a vida das crianças.

Classificar as crianças dentro do binarismo menino/menina ainda é a forma mais comum encontrada pelas sociedades para regularizar práticas e atitudes legítimas, pois desde a escolha do nome do bebê, passando pela decoração dos quartos infantis e seus objetos, determinadas formas de comportamentos passam a ser elogiadas e incentivadas ou desaprovadas e reprimidas. Sabendo que a criança responde a estímulos, acreditamos que esta se espelhará nos marcadores de identidade ideais em sua comunidade de prática, de forma a reproduzi-los e simultaneamente excluir e estigmatizar os comportamentos considerados inapropriados.

Ao analisar os quartos infantis de meninos e meninas, pudemos perceber que as formas de masculinidade e feminidade, assumidas pela família, são afetadas diretamente pelo poder e tempo histórico de uma cultura. Ao diferenciar os quartos das crianças para meninos ou meninas, estamos inculcando valores de como ser homens e mulheres de acordo com as expectativas esperadas para cada sexo (biológico). Os quartos infantis são preparados para educar e disciplinar as crianças quanto ao gênero. Não lhes é dada escolhas, e sim imposto características em conformidade aos conceitos de masculinidade ou feminilidade, coletivamente construídos.

Novos tempos prenunciam uma nova era da infância, família e educação. A família moderna que se desenvolveu no final do séc. XIX, tal como conhecemos hoje, com novos formatos atrelados às mudanças na realidade econômica, instituiu novos meios de educar, sendo a mídia um desses. O acesso às informações, outrora restrito ao mundo adulto, passou a ser cada vez mais consumido pelas crianças. Isso implica dizer que a educação se dá numa imensa variedade de áreas sociais, incluindo-se a televisão, o cinema, brinquedos, propagandas, videogames, etc., vistos como inocentes por se tratarem de espaços veiculados ao prazer e ludicidade. As organizações responsáveis por tal feito, apesar de educarem, não são educacionais, trabalham para o ganho individual, seu próprio lucro. Usando fantasia e desejo, as empresas produtoras da cultura infantil têm fomentado crianças e adultos a

consumirem seus produtos com efeitos racistas e sexistas, trabalhando para manter o poder patriarcal existente em nossa sociedade. O poder operante nos novos filmes, brinquedos, moda, entre outros produtos, reforçam o estabelecimento de identidades de gênero através do ato de consumo, que se dá através do desejo, mas também da culpa e ansiedade.

Nossa tarefa não deve ser a de privar crianças e pais a consumirem tais produtos e informações, pois estes estão em toda parte, nosso papel é expor o efeito dessas masculinidades e feminidades, ditas naturais, na influência e produção de identidades, gerando desigualdades sociais entre homens e mulheres. Precisamos promover uma educação, no sentido mais amplo da palavra, que produza seres humanos pensantes e críticos, capazes de tomar decisões e estabelecer relações entre o desejo e o consumo.

A discussão sobre gênero quebra tabus alicerçados no senso comum, na ignorância e no preconceito. Promover uma reflexão em torno do tema gênero permite questionar a reprodução de desigualdades entre homens e mulheres arraigadas na classificação e no posicionamento das pessoas, a partir de uma relação sobre o que é entendido como feminino e masculino, dentro de uma cultura que trabalha para o poder dominante. Não discutir gênero, vai contra a política de inclusão do nosso país, causa prejuízos na aprendizagem escolar dos alunos, e nos torna cúmplices da violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Lílian Henrique de. **Para ser mulher: feminismo, revolução sexual e a construção de uma nova mulher em revistas no Brasil (1960 – 1975)**. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0582.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2016.

BIROLI, Flávia. Autonomia, dominação e opressão. *In: Feminismo e política*. São Paulo, SP: Boitempo, 2014, p. 109-122.

_____. Justiça e família. *In: Feminismo e política*. São Paulo, SP: Boitempo, 2014, p. 47-62.

CALDAS, Carmen Rosa; LEEUWEN, Theo Van. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. **Linguagem em Discurso**, v.4, n. esp, p. 11-33, 2004.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz; SILVA, Thaise. Meninos, bonecos e masculinidade: construção de gênero e brincadeiras simbólicas. **Poésis Pedagógica**, v. 10, n. 1, 2012, p. 134-154.

CHÁ Revelação: 40 Ideias Criativas e Inspiradoras. **Casa&Festa**. Disponível em: <<http://casaefesta.com/cha-revelacao-ideias-criativas-e-inspiradoras/>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

COULTHARD, Carmen Rosa Caldas; LEEUWEN, Theo Van. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. **Tubarão**, v.4, n.esp, 2004, p.11–33.

CORDAZZO, Sheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. **Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v21n3/v21n3a04>>. Acesso em: 06 out. 2016.

FILHA, Constantina Xavier. A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, 2012, p. 627-747.

GUERRA, Cláudia. Menino brinca de boneca e menina de carrinho? **Revista Ed. Popular**, v.6, 2007, p. 137 – 142.

HANCOCK, Jaime Rubio. POR QUE rosa é de menina e azul é de menino? Não há raízes ancestrais ou razões genéticas que justifiquem tais preferências. **EL PAÍS**, 18 nov. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/18/ciencia/1416328918_518343.html> Acesso em: 12 set. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19, n. 2 (56), p.17-23, 2008.

MIGUEL, Luis Felipe. A igualdade e a diferença. *In: Feminismo e política*. São Paulo, SP: Boitempo, 2014, p. 63-78.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. In: Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1998, p.7-38.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PORTAL, FRÉDÉRIC. **El simbolismo de los colores**: Em la Antigüedad, la Edad Media y los tempos modernos. Palma, Espanha: Sophia Perennis, 2011.

SABAT, Ruth. Quando a publicidade ensina sobre gênero e sexualidade. *In: SILVA, Luiz Heron (Org.)*. **Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 244-261.

SANTOS, Hugo Campos Oliveira; AMARAL, Waldemar Naves do; TACON, Kelly Cristina Borges. A história da ultrassonografia no Brasil e no mundo. **EFDeportes.com**, Buenos Aires, v. 17, n. 167, 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd167/a-historia-da-ultrassonografia.htm>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os Estudos Culturais e o currículo. *In: Documentos de identidade*: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.131-138.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais**: implicações para a educação infantil. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.

STEINBERG, Sheila. R.; KINCHELOE, Joe L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. *In: _____, (Orgs.)*. **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 9-52.

The Pink & Blue Project. Disponível em: <http://jeongmeeyoon.com/aw_pinkblue.htm>. Acesso em: 26 set. 2016.